

Evald Vasilievich Ilienkov: um marxista a ser descoberto

Evald Vasilyevich Ilyenkov: a Marxist to be discovered

Marcelo José de Souza e Silva*

Resumo

Evald Vasilievich Ilienkov foi um filósofo soviético que teve como cerne de sua obra o confronto ao neopositivismo/empirismo, além de ter elaborado sobre a teoria do conhecimento, a lógica e a dialética, sob um ponto de vista materialista, enfatizando a unidade entre o subjetivo e o objetivo e a ligação orgânica entre a lógica e a história; discutiu também questões sobre psicologia, educação, estética, e escreveu sobre a teoria da personalidade, o desenvolvimento do pensamento e da apropriação do conhecimento no ensino escolar, enfatizando a questão social no tornar-se humano. Publicou uma vasta obra, incluindo artigos em enciclopédia e periódicos e capítulos em livros, além de ter deixado diversos manuscritos. Suas obras foram traduzidas para muitas línguas, recentemente também para português. Entretanto, apesar da tradução em inúmeras línguas e de ser até hoje influente na Rússia pós-soviética, Ilienkov ainda permanece sendo um autor pouco conhecido internacionalmente e no Brasil.

Palavras-chave: Evald V. Ilienkov; Filosofia; União Soviética.

Abstract

Evald Vasilyevich Ilyenkov was a Soviet philosopher who had as the core of his work the confrontation of neopositivism/empiricism. Besides, he has elaborated on the theory of knowledge; on logic and dialectic, from a materialistic point of view, emphasizing the unity of the subjective and the objective; on the organic link between logic and history. He had also discussed issues on psychology, education, aesthetics, and wrote on the theory of personality, the development of thought and about the appropriation of knowledge in school education, emphasizing the social question in becoming human. He published a vast work, including articles in journals and encyclopedia and chapters in books, and he has left many manuscripts. His works have been translated into many languages, recently also for Portuguese. However, despite the translation in several languages and the fact that he is still influential in post-Soviet Russia, Ilyenkov remains a little-known author, internationally and in Brazil.

Keywords: Evald V. Ilyenkov; Philosophy; Soviet Union.

* Possui graduação em Farmácia (2011) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2013). Atualmente é professor do departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Paraná e doutorando em Medicina Preventiva na Universidade de São Paulo. marcelojss@gmail.com

Vida e morte

Evald Vasilievich Ilienkov nasceu em 18 de fevereiro de 1924, em Smolensk, oeste da Rússia (na época, Bielorrússia), filho do escritor Vassili Pavlovich Ilienkov (1897–1967) e da professora Elizabet Ilinichna. Em 1941 formou-se na escola nº 170 de Moscou, iniciando em setembro do mesmo ano seus estudos em filosofia na Faculdade de Filosofia do Instituto de Filosofia, Literatura e História de Moscou. Foi obrigado a se afastar em 1942, devido ao alistamento militar para a II Guerra Mundial. Com o fim da guerra, o Instituto de Filosofia e Artes de Moscou foi fechado e Ilienkov continuou seus estudos, a partir de fevereiro de 1946, na Universidade Estadual de Moscou, onde conhece Valentin Ivanovich Korovikov e Alexander Ivanovich Meshcheriakov (1923–1974). Conclui o curso em junho de 1950, mesmo ano em que se tornou membro do Partido Comunista, com recomendações para os cursos de pós-graduação do Departamento de História de Filosofia Marxista-Leninista, e em que se casa com a pedagoga Olga Salimova.

Em setembro de 1953, sob orientação de Teodor Ilich Oizerman (1914–), Ilienkov defende sua dissertação de mestrado, intitulada *Alguns Problemas na Dialética Materialista da Crítica da Economia Política de Karl Marx*. Neste ano passa a lecionar, juntamente com Valentin Korovikov, na Universidade Estadual de Moscou. Este também é o ano da morte de Joseph Vissarionovich Stalin (1878–1953), período no qual começa o *degelo kruschovista*, liderado por Nikita Sergeievich Khrushchev (1894–1971). Entretanto, apesar de suas promessas de superar os dogmas do período anterior, falhou em remover os velhos filósofos stalinistas das instituições de ensino. Isso faz com que surjam expoentes de um novo grupo de teóricos dispostos a enfrentar os dogmas do regime stalinista, tendo como principais figuras Ilienkov e Aleksandr Aleksandrovich Zinoviev (1922–2006), os quais, na tentativa de combater o legado stalinista, entram em choque com esses velhos filósofos.

Por esses embates e por se posicionar por uma necessidade da filosofia soviética se repensar, é demitido da Universidade Estadual de Moscou em maio de 1955, acusado de revisionismo¹, após ele e Korovikov declararem publicamente que a filosofia marxista é lógica e teoria do conhecimento, sendo seu objeto o pensamento (Naumenko, 2005). Essas articulações foram entendidas como fuga dos problemas vitais práticos da *ciência pura* para o *pensamento puro*. De acordo com a comissão do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, isso se constituía em uma perversão da filosofia do marxismo, uma revisão da base da filosofia marxista-leninista. Entretanto, de acordo com Siebert (2005), o

¹ Segundo Maidansky (2013), para a surpresa de muitos, Ilienkov foi defendido por influentes intelectuais europeus, como Palmiro Togliatti, líder do Partido Comunista Italiano, o maior da Europa naquele momento, e Todor Pavlov, diretor do Instituto de Filosofia e presidente da Academia de Ciências Búlgara.

que Vigotski buscou enquanto psicólogo, Ilienkov buscou enquanto filósofo: superar a separação formal entre filosofia e ciências concretas, elaborando uma teoria que rejeita o dualismo entre corpo e mente. Ilienkov e Korovikov buscaram retornar a filosofia às raízes do marxismo, restringindo seus objetivos à esfera do pensamento puro, pois, para Ilienkov, o objeto genuíno da filosofia era o ideal e seus fenômenos (Maidansky, 2005), buscando entender a natureza do pensamento na estrutura das relações sociais e mostrar que o ideal é a forma especial de movimento dos corpos no processo de trabalho e dentro da cultura, distanciando-se do entendimento do senso comum de que o ideal é um sinônimo de mental, em contraste com o real que é tangível (Maidansky, 2014). Ilienkov buscava resgatar a filosofia do empobrecimento que ela vinha sofrendo durante o século XX, um empobrecimento de seu objeto de estudo, um reducionismo obsessivo que se manifesta na substituição de seu objeto por qualquer outro. Alguns filósofos transformaram a filosofia em um simples apêndice das ciências naturais, outros a igualaram com a lógica formal, ainda outros com a matemática, com a psicologia, com a fisiologia, com a linguística, com a teologia e alguns também com a arte. Nessa esteira, a psicologia ainda foi reduzida à fisiologia, a matemática à lógica, a lógica à linguística, e assim por diante (Naumenko, 2005).

Algum tempo depois de sua expulsão, por recomendação de Oizerman e Marc Moisieievich Rosental (1906–1975), Ilienkov consegue um cargo no Instituto de Filosofia da U.R.S.S., no setor Materialismo Dialético (onde trabalhou até sua morte). Porém, mesmo tendo sido aceito no instituto, Ilienkov foi sendo cada vez mais isolado devido aos seus embates com os filósofos do regime stalinista e, eventualmente, foi até mesmo impedido de ensinar. Como exemplo, Bakhurst (1991) especula que Ilienkov foi impedido pelos diretores do instituto de participar de um simpósio chamado *Marx and the Western World* na Universidade de Notre Dame, em 1965, além de ter sido objeto de uma campanha de acusações, na qual seu artigo enviado, *Do Ponto de Vista Marxista-Leninista*, é acusado de ser antimarxista. Segundo Maidansky (2013), os três relatórios enviados por Ilienkov falam sobre a alienação criada pela divisão do trabalho, afirmando que, no socialismo, essa alienação ainda continua, pois a forma de propriedade criada com a revolução socialista era apenas uma negação formal-jurídica da propriedade privada. Para Ilienkov, a propriedade que pertence ao Estado é pública apenas formalmente, apenas no aspecto judicial, enquanto, na prática, a forma socialista de propriedade continua sendo privada. A real superação da alienação é um processo de transformação da propriedade privada na verdadeira propriedade de cada indivíduo, de cada membro da sociedade, e não a monopolização da propriedade no Estado. Essas argumentações não passaram na censura e foram cortadas da versão enviada ao simpósio.

Mesmo com todas as adversidades, na segunda metade da década de 1950, Ilienkov publica os artigos *A Dialética do Abstrato e do Concreto no Pensamento*

Científico e Teórico (1955), *Sujeito e Objeto* (1956), *Sobre a Questão da Contradição no Pensamento* (1957), *Sobre a 'Especificidade' da Arte* (1960), além do discurso *Sobre o Papel da Contradição no Conhecimento* (1958) na conferência *O Problema da Contradição no Mundo Científico e Prático Contemporâneo*, do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da U.R.S.S., a resenha do livro *O Jovem Hegel* (1956), de György Lukács (1885–1971), e as traduções para o russo de *Quem Pensa Abstratamente?* (1956), de Hegel, e *Critérios Econômicos de Hegel no Período de Jena* (1956) – parte do livro *O Jovem Hegel*, de Lukács.

Segundo Carrión (2012), depois da publicação do livro *A Dialética de O Capital de Karl Marx*, de Marc Rosental, em 1955, iniciou-se um ciclo de investigação muito frutífero sobre os problemas da dialética materialista. Nesse ínterim, Ilienkov e alguns de seus alunos criaram um grupo de estudo sobre a relação entre a lógica hegeliana e a dialética materialista. Esse grupo buscou traduzir para o russo a obra *O Jovem Hegel*, de Lukács. Buscando solucionar dúvidas terminológicas sobre a relação entre os conceitos *Entäußerung* e *Entfremdung*, entraram em contato com o autor, que indicou que procurassem o filósofo russo Mikhail Alexandrovich Lifschits (1905–1983), amigo e estudioso de Lukács. De acordo com Maidansky (2013), nessa mesma época, em 1956, ocorre a insurreição húngara e, como Lukács era Ministro da Cultura, foi impossível publicar seus trabalhos em russo. Dez anos depois, Ilienkov e seus alunos tentaram publicar mais uma vez a tradução, novamente sem sucesso. E apesar de seu interesse na obra de Lukács e de muitos pontos em comum, Ilienkov era contrário à divisão lukacsiana entre ontologia e gnosiologia. Para ele, essa divisão ocorre quando se entende a realidade como refratada no espelho do intelecto, enquanto o que a filosofia deve buscar é um princípio materialista da identidade do pensamento e do ser, procurando superar o objeto da ontologia – a relação do pensamento com a realidade (realidade em geral) – pelo objeto da filosofia da relação da realidade com si mesma, realidade essa concretamente histórica. Para Ilienkov, a lógica formal é a ciência das formas simbólicas da expressão do pensamento, funcionando muito bem no campo da linguagem. Enquanto a lógica formal ensina apenas a expressar pensamentos corretamente, a lógica dialética ensina a produzir pensamentos. *A Lógica*, a dialética (materialista), portanto, é o pensamento sobre o pensamento (Maidansky, 2013).

Em 1960, é publicado pela Editora da Academia de Ciências da U.R.S.S. o seu primeiro livro, *A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx*, que continha o manuscrito *A Dialética do Abstrato e do Concreto no Pensamento Científico e Teórico*. P. N. Fedoseiev, diretor do Instituto de Filosofia na época em que Ilienkov lá trabalhava, leu o manuscrito do livro e mandou destruí-lo, não permitindo sua publicação. Porém, alegando ter sido roubado, o manuscrito aparece na Itália, como futura publicação da editora Feltrinelli. Com isso, o Instituto faz com que Ilienkov reescreva o manuscrito para ser publicado

em russo antes da edição italiana, retirando, por pressão, a maioria das partes hegelianas e toda sua crítica contra a lógica formal, sendo publicado, ao final, um livro com aproximadamente um terço do conteúdo original. A tradução italiana foi publicada em 1961. Contraditoriamente, em 1965, por seu trabalho sobre a história e a teoria do conhecimento da dialética materialista, recebe da Academia de Ciências o prêmio Tchernichévski.

Em 1962, escreve o verbete *Ideal* para o segundo volume da *Enciclopédia Filosófica*, sendo que até esse momento a categoria *ideal* havia sido pouco explorada por autores marxistas. Segundo Maidansky (2014), esse verbete gerou grandes debates, considerado por muitos como puro hegelianismo. No verbete, Ilienkov inicia a grande questão que foi seu objeto de estudo e para a qual sempre retornou, o ideal, procurando resgatá-lo das concepções positivistas – que o entendiam enquanto sinônimo de mental, de subjetivo –, mostrando que o ideal existe apenas no movimento da atividade humana, apenas no momento de conversão da forma de uma coisa na forma de atividade e vice-versa, pois tão logo a atividade humana acabe, o ideal é imediatamente extinto. O ideal é a representação da própria essência das coisas, portanto, essa essência é material, sendo o ideal algo objetivo (mesmo que não seja necessariamente material). E dentro da consciência essa forma ideal objetiva da atividade humana adquire subjetividade. Essa representação aparece de forma superior através do conceito, pois o único requisito do conceito é que ele expresse devidamente a essência de seu objeto, que ele seja verdadeiro, não importando como essa coisa apareça, de como mude seu aspecto externo. Ilienkov, em *A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx*, usará o valor como exemplo (seguindo os passos de Marx (1818–1883) em *O Capital*) da forma ideal, sendo seu conteúdo a atividade material do ser humano – que tem o trabalho enquanto sua substância e que existe apenas enquanto as relações entre os indivíduos se dão através do mercado (no modo de produção capitalista)² (Maidansky, 2010).

Aqui cabe colocar as ressalvas feitas por Jones (1998; 1999) e Bakhurst (1991; 1997) em sua interpretação do que é o ideal na obra de Ilienkov. Ideal não é qualquer coisa resultante de uma atividade humana que possui uma ideia, uma intenção, por trás de sua produção. A idealidade também não consiste na função,

² “Já a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não tem, ao contrário, absolutamente nada a ver com sua natureza física e com as relações materiais [*dinglichen*] que dela resultam. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (Marx, 2013, p. 147). “O trabalho não confere, por si mesmo, valor aos produtos; somente o *trabalho organizado numa determinada forma social* (na forma de uma economia mercantil). [...] O valor das coisas expressa um determinado tipo de relações de produção entre as pessoas” (Rubin, 1980, p. 84, grifos no original). “Se o produto do trabalho só adquire valor numa determinada forma social de organização do trabalho, então o valor não representa uma ‘propriedade’ do produto do trabalho, mas uma determinada ‘*forma social*’ ou ‘*função social*’ que o produto do trabalho desempenha como elo de ligação entre produtores mercantis isolados, como um ‘intermediário’ ou um ‘portador’ das relações de produção entre pessoas” (Rubin, 1980, p. 84, grifos no original).

utilidade das coisas produzidas, assim como quando Ilienkov trata da representação, não é no sentido de representação da atividade exercida pelo objeto. A idealidade da forma valor está calcada nas relações sociais de produção capitalistas, que exigem que os diversos produtores privados igualem suas mercadorias no mercado para que ocorra a troca. Mas essa mesma produção, sob outras relações sociais de produção, poderá ocorrer sem a necessidade de mensurar a quantidade de trabalho contida no produto, não haverá a necessidade da produção humana possuir valor – os produtos do trabalho humano em geral não serão mercadorias. Ilienkov, quando trata da forma ideal, trata das coisas que possuem uma função representativa, desempenhando um papel na mediação da atividade humana, e não necessariamente dos instrumentos de trabalho ou mercadorias. A divisão entre coisas materiais e ideais não tem como base estarem na cabeça das pessoas ou não, e sim quais suas funções dentro da produção da vida humana, qual seu papel nas relações sociais de produção. O ideal existe fora e independente da cabeça das pessoas, mas é percebido por essas mesmas cabeças: o ideal se produz e se realiza na e através da atividade prática humana de produção da vida.

Outra ressalva que podemos destacar é a realizada por Maidansky (2005; 2010) sobre a polêmica iniciada por Mikhail Lifschits após a morte de Ilienkov, em que ele buscou discutir a teoria da forma ideal, porém, não através da própria teoria de Ilienkov, mas sim mudando o significado do conceito, expressando ideal como é entendido no senso comum, como um horizonte inatingível, que deve ser sempre buscado por aproximações. Ou seja, ao final, Lifschits acabou não realizando aquilo que queria: dialogar com Ilienkov.

Durante essa década, Ilienkov também segue suas discussões sobre estética, com os artigos *Sobre a Natureza Estética da Fantasia* (1964), *Avaliando a Concepção de Hegel da Relação de Verdade com Beleza* (1966) e *O Que Está por Trás do Espelho?* (1969), nos quais discute questões como a natureza da beleza, conceitos de imaginação e sensibilidade estética, relação do entendimento artístico e científico, focando principalmente em artes visuais. Ilienkov considerava a arte pop/moderna como um espelho que nos mostra uma imagem das pessoas em um mundo alienado, sendo depressiva porque é um reflexo verdadeiro de um mundo distorcido, porém, como ela não pode se ver pelo que realmente é, acaba naturalizando essa realidade, afirmando e perpetuando esse mundo alienado e irracional (Bakhurst, 2001).

Ilienkov segue também com as discussões que *A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx* suscitou, publicando *Resposta a J. A. Kronrod (O Capital de Karl Marx e o Problema do Valor)* (1961), *Discurso aos Economistas* (1965), *Contribuição à Questão da Produção de Mercadorias* (meados da década de 1970). Na década de 1960, publica ainda *A Dialética Antiga como Forma de Pensamento*, em que discorre sobre a filosofia grega clássica, *O Problema do Ideal na Filosofia* (1963) e *Hegel e a “Alienação”* (1967).

Alexander Meshcheriakov funda, em 1963, uma escola especializada em crianças cegas e surdas de nascimento, na cidade de Zagorski e, algum tempo depois, torna-se diretor do Laboratório para Treinamento e Estudo de Crianças Surdas e Cegas I. A. Sokolianskii do Instituto de Pesquisa Científica de Educação Especial, sob os auspícios da Academia de Psicologia da U.R.S.S. Juntam-se a ele nesta experiência Ilienkov, Vasili Vasilievich Davidov (1930–1998) e Alexei Nikolaevich Leontiev (1903–1979). Segundo Suvorov (2003) e Oittinen (2005), Ilienkov participou ativamente dessa experiência, procurando ver na prática sua teoria sobre o ideal, sua teoria do processo de formação da personalidade como objetivo da história do mundo. Ilienkov buscou entender as habilidades individuais de forma distinta do marxismo dogmático da *Diamat*³, entendendo essas habilidades, incluindo os cinco sentidos, como *produtos históricos* e não como dons da natureza (Mareyeva, 2005). Para Ilienkov, o ser humano é um *ser universal*, que não se identifica com qualquer programa previamente imposto, tendo o potencial para ser absolutamente flexível, sendo inimigo de um plano preordenado, seja ele a anatomia do corpo orgânico, a estrutura neurodinâmica, instintos ou estereótipos culturais (Naumenko, 2005). Depois da morte de Meshcheriakov, em 1974, Ilienkov dirigiu e completou o treinamento de quatro estudantes selecionados em 1968, que ingressaram e se formaram no curso de psicologia da Universidade de Moscou.

Sobre o tema da educação, escreve diversos artigos em meados da década de 1960 e 1970 (alguns não sendo publicados em vida), como *Nossas Escolas Devem Ensinar a Pensar!*, *Sobre a Natureza da Habilidade*, *O Biológico e o Social no Homem*, *Contribuição para a Discussão sobre a Educação Escolar*, *Contribuição para a Questão do Conceito de 'Atividade' e sua Significância para a Pedagogia*, *Conhecimento e Pensamento*, *Contribuição para uma Conversa Sobre Educação Estética*, *Aprender a Pensar Enquanto Somos Jovens* (1977). Para Ilienkov, a forma como deve ser ensinado qualquer assunto deve ser construída de tal forma que o processo de ensino e aprendizagem, além de transmitir conteúdo, ou seja, transmitir o universal, as bases substanciais da cultura (e não suas particularidades), também treine a mente, treine a habilidade de pensar (Novokhat'ko, 2007), pois o intelecto não nasce com o ser humano, ele é resultado do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade, sendo, portanto, um talento dado pela sociedade ao indivíduo, e isso se dá através da educação, “um processo que envolve a transformação qualitativa da criança de um mero modo animal de existência para um sujeito consciente de pensamento e experiência” (Bakhurst, 2005, pp. 266-267).

³ *Diamat* é um acrônimo russo para materialismo dialético (e *Istmat*, um acrônimo para materialismo histórico) e representa a filosofia marxista-soviética oficial do período stalinista, esquematizada no capítulo 4 do livro *História do Partido Comunista da União Soviética*, de 1938.

A partir de 1968, quando o Instituto de Filosofia da U.R.S.S. passa a ser liderado por Pavel Vasilevich Kopnin (1922–1971), os livros de Ilienkov passam a ter permissão para publicação. Nesse mesmo ano, publica o livro *Sobre os Ídolos e Ideais*, e em novembro defende sua tese de doutorado, intitulada *Quanto à Questão da Natureza do Pensamento (Na Análise de Materiais da Dialética Clássica Alemã)*. Em 1969, publica o livro *V.I. Lenin e os Problemas Atuais da Dialética*; em 1974, publica um livro que reúne diversos trabalhos: *A Lógica Dialética – Estudos em História e Teoria*; em 1977, o livro *Aprender a Pensar Desde Cedo*; e em 1979, publica *Dialética Leninista e a Metafísica do Positivismo: Reflexões sobre o livro “Materialismo e Empiriocriticismo” de V. I. Lenin*, seu último trabalho publicado em vida. Durante a década de 1970, ainda publica diversos artigos, como o verbete *Substância* (1970), na *Enciclopédia Filosófica*, que, de acordo com Oittinen (2005), desafia o conceito de matéria oficial da *Diamat*, além de *Humanismo e Ciência* (1971), *O Universal* (1973), *Atividade e Conhecimento* (1974), *Dialética e Visão de Mundo* (1979) e *O Problema da Contradição na Lógica* (1979).

Ao final da década de 1970, desgastado o clima intelectual na União Soviética, a inatividade dos dogmáticos e a atividade cada vez mais agressiva do que Lifschits chamou de *intelectualidade liberal-burguesa soviética* tiveram grande impacto em Ilienkov. Buscaram distanciá-lo dos alunos do experimento de Meshcheriakov, além de o diretor do Instituto de Filosofia ter se negado por seis vezes a publicar seu artigo *O Problema do Ideal*. Ilienkov buscava mudar de local de trabalho, e alguns de seus amigos tentaram ajudá-lo, porém, antes que conseguissem realizar qualquer ação, veio a inesperada notícia de seu suicídio (Carrión, 2012).

Após sua morte, em 21 de março de 1979, foram publicadas diversas obras, como *A Arte e o Ideal Comunista* (1984), uma segunda edição de *Lógica Dialética* (1984), *Filosofia e Cultura* (1991), *A Dialética do Abstrato e do Concreto no Pensamento Científico e Teórico* (1997), *A Escola Deve Ensinar a Pensar* (2002), e uma segunda edição de *Sobre os Ídolos e Ideais* (2002). Além de livros, Ilienkov publicou uma vasta obra, incluindo capítulos e artigos em livros, artigos em enciclopédia e periódicos, além de ter deixado diversos manuscritos. Suas obras foram traduzidas para muitas línguas, entre elas alemão, chinês, coreano, inglês, italiano, espanhol, francês, tcheco, polonês, servo-croata, finlandês, grego, punjabi e japonês; e recentemente também foram traduzidos alguns desses textos para o português⁴. Apesar da tradução em inúmeras línguas e de ser até hoje influente na Rússia pós-soviética, Ilienkov ainda permanece sendo um autor pouco conhecido internacionalmente e no Brasil.

⁴ < <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/index.htm> >

Em 1980, um ano após a morte de Ilienkov, seus ex-alunos realizaram o *I Seminário em Memória de E. V. Ilienkov*, tendo sido realizado anualmente até 1990. Nesse ano, Serguei Nikolaevich Mareiev e Guennadi Lobastov, dois de seus discípulos, decidem transformar o seminário em um encontro filosófico de nível mais elevado, nascendo assim conferências chamadas *Leitura de Ilienkov*, realizadas, desde então, anualmente. A partir de 1997, os assuntos discutidos passaram a ser publicados. Também existe um arquivo de suas publicações *online*, curado por Andrey Maidansky, chamado *Lendo Ilienkov*⁵.

O contexto de sua obra

Para entender a obra de Ilienkov, é preciso entender que na época em que foi educado, a União Soviética era uma ilha comunista em um mundo capitalista, e que essa ilha estava se desenvolvendo em uma velocidade extraordinária, saindo da situação praticamente feudal de antes da revolução, para uma industrialização que rivalizava com as nações capitalistas mais desenvolvidas. Porém, apesar dos extremos avanços em diversas áreas, principalmente sociais e econômicas, a área filosófica sofria severamente. Ao final da década de 1930, quase todos os pensadores da revolução haviam sido expurgados pelo stalinismo e, aqueles que haviam se formado desde então – pelos motivos que tiveram –, resumiram-se a expor e interpretar os escritos de Stalin, principalmente seu texto chamado *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*⁶ (*Diamat e Istmat*). Isso também se deve ao fato que nenhuma pesquisa, nenhum plano acadêmico, nenhum suporte de universidades e instituições de educação superior era aprovado se o pesquisador não seguisse as linhas doutrinárias da *Diamat*. Porém, a doutrina stalinista era apenas um dos fatores que influenciavam o pensamento dos filósofos da época, e, devido àqueles que conseguiram se manter ensinando em Moscou, como Valentin Ferdinandovich Asmus (1894–1975), Aleksei Fedorovich Losev (1893–1988) e Mikhail Lifschits, muitos estudantes se interessaram pela investigação intelectual, devido às contradições entre o dogma que lhes era ensinado e os textos que deveriam estudar. Isso faz com que estes sujeitos se voltem ao estudo dos filósofos clássicos, principalmente as obras de Karl Marx. Dessa forma, com o fim do stalinismo, fortalece-se uma nova geração de filósofos, com uma abordagem criteriosa da herança marxista.

⁵ <<http://caute.ru/ilyenkov/>>

⁶ Ilienkov, em 1954, declarou ao tutor da cadeira do Materialismo Dialético da Universidade Estadual de Moscou que no marxismo não existe tal coisa como “materialismo dialético” e “materialismo histórico”, e sim uma concepção materialista de história (Levant, 2012).

Logo após a Revolução de 1917, durante praticamente toda a década de 1920, existiu um grande campo de debate filosófico, mas que não conseguiu sobreviver à tomada de poder definitivo por Stalin. Nessa década surgiram dois grandes grupos de teóricos, os deborinistas (teóricos que se uniram em torno de Abram Moiseievich Deborin (1881–1963)) e os mecanicistas (um grupo mais eclético, que incluía um ativista do partido bolchevique, Ivan Ivanovich Skvortsov-Stepanov (1870–1928), um antigo menchevique, Liubov Isaakovna Akselrod (1868–1946), o filósofo bolchevique Alexander Aleksandrovich Bogdanov (1873–1928), e aqueles que eram apoiados por Nikolai Ivanovich Bukharin (1888–1938)). Os mecanicistas estavam unidos pela visão de que os recursos explicativos das ciências eram suficientes para explicar a realidade objetiva; já os deborinistas acreditavam que o pensamento era uma qualidade particular da matéria, o lado subjetivo dos processos objetivos, materiais, fisiológicos, que não eram idênticos e não podiam ser reduzidos deles, e acreditavam também que os mecanicistas estavam comprometidos com um evidente reducionismo. Este debate não foi resolvido e sim calado em 1929, quando os mecanicistas foram derrotados por um perigo político, pois Deborin e seus seguidores os acusavam de um desvio à direita, a mesma acusação que estava sofrendo Bukharin. Tática similar foi utilizada um ano mais tarde contra os deborinistas, que foram acusados de um desvio à esquerda, associado a Leon Trotsky (1879–1940), e ao fato de que Deborin havia sido um menchevique. Apesar de serem grupos adversários e ambos terem sido esmagados pelo stalinismo, em discussões mais recentes, Serguei Mareiev, que é um dos principais representantes do legado de Ilienkov na Rússia contemporânea, diz que o positivismo e o reducionismo característicos da *Diamat* estavam presentes em ambos os grupos, e não apenas nos mecanicistas (Levant, 2012).

Com a derrota dos deborinistas, começa a era da filosofia oficial soviética, que foi oficialmente instituída em 1931 e dominou a filosofia soviética por quase toda sua existência. Ela só foi contestada em meados da década de 1950, por Ilienkov e outros pensadores soviéticos. Esses teóricos procuravam, além de reagir contra a filosofia soviética da época, repensar a forma como se entende a realidade, como se constrói o conhecimento, de forma não-mecanicista, de forma dialética. A reação de Ilienkov contra o dogma stalinista traz à tona temas dos períodos iniciais da filosofia soviética, principalmente das décadas de 1920 e 1930, além de dar uma grande ênfase nos estudos de Lenin do período pré-revolucionário, quando este último combatia os empiriocriticistas. Segundo Nauhenko (2005), na história da filosofia soviética, o fenômeno Ilienkov consiste sobretudo no fato de que ele levou a filosofia para além da luta que ocorria dentro da *Diamat* entre os mecanicistas e os mencheviques idealistas, assim como com os acadêmicos stalinistas.

Foi um crítico implacável da interpretação grosseira e materialista mecanicista da teoria marxista pela *Diamat*⁷, que reduzia a consciência a uma simples reflexão da matéria, chamada por ele de empirismo ou neopositivismo, cuja linha teórica é a de que, explicando aqui de forma resumida, existem dois reinos distintos (o dualismo cartesiano), da subjetividade e da objetividade, sendo que, para os empiristas, o entendimento da realidade se dá através da ciência natural – o positivismo –, e tudo aquilo que não é do escopo dessa ciência positiva existe somente na mente dos sujeitos, portanto, sendo possível ser analisado apenas na mente singular de cada sujeito. Esse ponto de vista teórico também leva a variantes idealistas, para as quais o mundo externo é apenas uma construção da mente, que existe uma realidade independente na mente de cada pessoa. Para Ilienkov, porém, a relação entre o subjetivo e o objetivo é uma relação de unidade realizada em um único mundo, o mundo material, onde o sujeito pensante vive, produz e reproduz sua vida através do trabalho. Diferente de autores como Louis Althusser (1918–1990), Gilles Deleuze (1925–1995) e Antonio Negri (1933–), que procuraram realizar uma leitura espinoziana (ou seja, a partir de um caráter antipositivista e anticientífico) da dialética de Marx, na tentativa de articular uma leitura alternativa à dialética hegeliana presente em sua obra, Ilienkov utiliza tanto a dialética hegeliana quanto o monismo espinoziano, combatendo não o hegelianismo em si, mas sim o neopositivismo. “Em outras palavras, a coisa pensante não é o sujeito com seu cérebro, mas o coletivo como idealiza o material e materializa o ideal” (Levant, 2012, p. 132). Para ele, o positivismo alastrou-se na ciência, na filosofia e na consciência da população em geral devido à extrema intensificação da divisão do trabalho na sociedade industrial, substituindo a *personalidade* pelo *profissional*, fazendo com que o positivismo se tornasse uma abordagem utilitária da cultura em geral nos séculos XIX e XX (Mareyeva, 2005).

Apesar de Ilienkov ter desenvolvido suas principais ideias antes, e independentemente, de seu contato com os escritos de Lev Semenovitch Vigotski (1896–1934),

⁷ Cabe aqui ponderar sobre a relação de Ilienkov com o marxismo e com o próprio socialismo soviético. Alguns autores, como David Bakhurst, enfatizam uma suposta não ortodoxia marxista-leninista de Ilienkov, mas sim a utilização de um linguajar necessário para *enganar* a censura stalinista. De forma alguma concordamos com essa asserção. Por um lado, Ilienkov era sim um marxista ortodoxo, que buscou ver a realidade através do legado deixado por Marx. Sua leitura da realidade sempre perpassava as lentes do marxismo. Por outro lado, foi justamente sua ortodoxia que o fez ter grandes embates com a *Diamat* e sua leitura não ortodoxa, e sim *dogmática* do marxismo. Da mesma forma é sua relação com o socialismo soviético: por um lado ele critica o caminho que estava seguindo a União Soviética; por outro, ele era um entusiasta da necessidade do comunismo para a humanidade. Vemos a análise de Bakhurst como algo parecido com o que fizeram com as obras de Vigotski (principalmente as traduções em inglês), da qual retiraram o marxismo (buscaram torná-lo não essencial para a teoria) para facilitar sua apropriação por teorias não marxistas e não comunistas. No caso de Vigotski, isso é muito bem exposto por Duarte (2006).

acredita-se que suas concepções sobre a mente sejam *descendentes*⁸ das teorias do psicólogo bielorrusso, pois ele foi atraído particularmente pelas aplicações práticas na pedagogia e no desenvolvimento psicológico da escola histórico-cultural, além de que ambos possuem uma abordagem antiessencialista da consciência humana, ou seja, ambos argumentam que a consciência não se desenvolve espontaneamente junto com o desenvolvimento do cérebro humano, e sim que a consciência é um produto social. De acordo com Surmava (2010), ambos Vigotski e Ilienkov possuíam um entendimento de que a psicologia não era uma ciência empírica positivista, mas uma verdadeira ciência teórica que possui uma base sólida calcada não na prática do psicoterapeuta, uma prática construída artificialmente pelos próprios psicólogos por razões não livres de interesse próprio, mas em uma prática superiormente organizada⁹.

Ilienkov, diferentemente de muitos filósofos da época – e diferentemente de muitos intelectuais atuais –, era contra uma suposta existência de uma divisão entre o que se considera um *jovem Marx* e suas obras *filosóficas*, e um *Marx maduro* com suas obras *econômicas*. A compreensão dele era de que os estudos econômicos de *O Capital* são incompletos sem a preservação de um entendimento do ser humano de suas obras mais antigas, como os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, e o que ocorre, na verdade, é que Marx não rompe com as ideias de seus escritos juvenis, e sim que ele aperfeiçoa e precisa a utilização dos termos e conceitos dessas obras nos escritos posteriores.

Também era contra uma leitura metafísica de *O Capital*, a respeito da contradição entre o conceito de valor que aparece no livro I (no qual o mais-valor é produto da parte variável do capital e somente dessa parte) e no livro III (no qual o mais-valor nasce simultaneamente de todas as porções do capital investido). Com base nessas afirmações, os economistas vulgares se vangloriam em dizer

⁸ Levant (2012) argumenta que essa continuidade entre o trabalho dos dois teóricos ainda é um assunto que precisa de maiores discussões, apesar de existir uma inconfundível linha de afinidade entre eles e outros autores da psicologia histórico-cultural. Acreditamos que esse desconforto em afirmar ou não uma continuidade entre Vigotski e Ilienkov tenha como base a proximidade entre Ilienkov e Leontiev e as discussões entre a continuidade ou não entre Leontiev e Vigotski. Apesar de ser uma questão que pode ser engajada e que pode trazer resultados positivos, nossa posição é de que isso se constitui enquanto uma falsa polêmica. A questão principal não é se um autor continuou o outro e de que esse é o ponto que determina a falsidade ou veracidade da teoria de um autor, mas sim se esse autor buscou analisar a realidade objetiva até suas últimas consequências, ou seja, se o autor buscou descobrir a verdade. Se o fez seguindo um outro autor ou não, é uma questão de relevância menor. Uma análise que busque entender a realidade até as últimas consequências, realizada por um autor que não segue Marx, não deixará de ser menos verdadeira do que uma análise que segue Marx (entendendo que, no capitalismo, análises que não seguem Marx acabam se constituindo enquanto limitadas, por não apreenderem a essência dessa sociedade – que foi o objeto de estudo de *O Capital*).

⁹ Vigotski e Ilienkov também tinham em comum o fato de que não buscavam desenvolver uma teoria *sua*, mas sim uma teoria *marxista*, pois ambos entendiam marxismo e científico (a busca pela verdade) como a mesma coisa e que, portanto, buscar a verdade é realizar uma análise marxista.

que Marx não foi capaz de resolver o problema das antinomias da teoria do valor-trabalho de David Ricardo, como havia prometido, e que todo *O Capital* não é nada mais que uma artimanha dialética especulativa. Porém, segundo Ilienkov, a contradição existente em *O Capital* é a contradição existente na realidade objetiva do capital, e que essas análises têm como base uma concepção metafísica, em que uma lei universal é provada por fatos somente quando pode ser tomada em concordância sem contradições diretas com a forma empírica geral do fenômeno, com as características gerais dos fatos abertos para a contemplação direta. Para Ilienkov, isso é exatamente o que não se encontra em *O Capital*, e esses economistas vulgares, esses empiristas, gritam que as proposições do livro III contrariam as do livro I, e que isso é evidência da falsidade da lei do valor, contrariando a realidade. Porém, no sistema de Marx, as definições teóricas não eliminam a contradição interna da realidade, pois não procura resolver a contradição através de sua eliminação da teoria e sim entende que a contradição do objeto não pode e nunca será resolvida de qualquer forma que não o desenvolvimento dessa realidade plena dessa contradição em uma realidade mais elevada, mais avançada; já a metafísica não consegue e não sabe utilizar qualquer outra lógica que não a lógica formal, reduzindo qualquer contradição a uma contradição externa, um erro subjetivo do pesquisador¹⁰.

Ilienkov é incluído no que atualmente conveniu-se chamar de “marxismo soviético *criativo* [творческий]”, em distinção a certas correntes do “marxismo soviético *oficial*” na forma da *Diamat*. Segundo os autores que utilizam essa classificação, a corrente *criativa* é encontrada principalmente nas áreas acadêmicas nas décadas de 1920 e de 1960, diferenciando-se do pensamento da corrente *oficial*, principalmente, pelo afastamento das concepções positivistas de subjetividade (Levant, 2012).

Além do confronto ao neopositivismo/empirismo, Ilienkov também elaborou sobre a teoria do conhecimento, a lógica e a dialética, sob um ponto de vista materialista, enfatizando a unidade entre o subjetivo e o objetivo e a ligação orgânica entre a lógica e a história. Como filósofo, também discutiu questões sobre psicologia, educação, estética, e escreveu sobre a teoria da personalidade, o desenvolvimento do pensamento e da apropriação do conhecimento no ensino escolar, enfatizando a questão social no tornar-se humano, opondo a interiorização de toda a cultura humana necessária para humanizar o indivíduo à exteriorização, que para ele, e Meshcheriakov, possui um sentido de padrões comportamentais programados geneticamente, como se o indivíduo se humanizasse naturalmente. Segundo Sovorov (2003), enquanto Vigotski descobriu o *fato* da interiorização, Sokolianskii e Meshcheriakov, e também Ilienkov, revelaram o *mecanismo* dessa

¹⁰ Uma análise contemporânea dessa questão encontra-se em Kliman (2007).

interiorização. Na psicologia também chegou a respostas que seu contemporâneo, Leontiev, não conseguiu, pois segundo Ilienkov, o último elaborou erroneamente a questão, uma vez que o problema de estabelecer a relação entre atividade externa-sensorial e atividade interna-psíquica é impossível, porque, segundo ele, não existe já de início dois objetos de investigação diferentes e opostos, o corpo e o pensamento, mas apenas um único objeto, o corpo pensante de uma pessoa viva real, somente visto a partir de dois ângulos diferentes e até mesmo opostos. Isso não significa que Ilienkov encontrou todas as respostas para a psique humana, porém, “deu o primeiro passo na transformação da psicologia da magia e feitiçaria em uma teoria científica baseada na prática” (Surmava, 2010, p. 59).

Considerações finais

Ilienkov, em sua breve carreira acadêmica (cerca de 30 anos), foi um filósofo extremamente importante para sua época na então União Soviética, por seus embates com o tradicionalismo e o dogmatismo que imperavam nas ciências, principalmente na filosofia, a partir de uma abordagem dialética entre o abstrato e o concreto, entre o real e o ideal, como forma de entendimento verdadeiro sobre a realidade da atividade prática social humana e sua manifestação dialética e mediada na consciência humana. Entretanto, sua obra transcende o período histórico em que foi escrita, pois trouxe e ainda traz discussões que, mesmo hoje, são desconhecidas para muitos filósofos, inclusive filósofos marxistas, principalmente sua discussão em torno do que é o ideal – além da atualidade de sua luta contra o neopositivismo e suas formas.

A obra de Ilienkov está calcada ortodoxamente na obra de Marx, não por citá-lo ou simplesmente utilizar sua obra, mas por analisar a realidade buscando entendê-la de fato, entender sua essência, de forma dialética, assim como Marx fez ao analisar o capitalismo no século XIX. Isso leva aos debates com outros autores que fugiam do entendimento dialético da realidade e acabavam buscando sempre justificá-la e não transformá-la. É uma obra, portanto, que nos permite ampliar o entendimento da essência da realidade humana, especificamente da realidade do modo de produção capitalista, a partir de uma compreensão histórico-dialética da atividade humana e suas manifestações ideais. Essa análise dialética, em conjunto com o conhecimento elaborado pelo autor, constituem-se enquanto instrumentos importantes para a classe trabalhadora munir-se teoricamente na luta revolucionária pela superação do capitalismo, da mesma forma que serviu para a crítica radical ao regime stalinista na antiga União Soviética, além de permitir um entendimento das possibilidades daquilo que pode vir a ser.

E no momento histórico atual, marcado por grandes crises que levaram o capitalismo a buscar novas formas que o permitam se conservar enquanto sociedade, expresso principalmente pela reorganização do trabalho (cujo grande

exemplo é o toyotismo) e do Estado, com a forma neoliberal de seu gerenciamento, ocorre, por um lado, a retirada sistemática de direitos dos trabalhadores e, por outro, uma flexibilização do trabalho com o intuito de uma maior exploração, devido à necessidade do capital em produzir valor e expropriar o trabalhador de um mais-valor que permita a constante revalorização do próprio capital. Nesse momento histórico, contraditoriamente, observa-se uma busca pelas obras marxianas, com o movimento dos trabalhadores buscando entender o capital na busca de sua superação, ao mesmo tempo em que se exacerba a luta contra o próprio marxismo, tanto na figura da manutenção do *status quo*, quanto na figura das lutas por direitos individuais não relacionadas com a luta de classes.

O marxismo se constitui em um forte instrumento teórico na luta pela superação do capitalismo, fazendo-se mister o estudo da obra marxiana; associado a este estudo, acreditamos que o estudo da obra de Ilyenkov permitirá ampliar o entendimento da realidade com vistas a sua superação pela classe trabalhadora, rumo a uma sociedade sem classes.

Referências

- BAKHURST, David. *Consciousness and Revolution in Soviet Philosophy: From the Bolsheviks to Evald Ilyenkov*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- _____. "Meaning, Normativity and the Life of the Mind.", *Language & Communication*, v. 17, n. 1, pp. 33-51, 1997.
- _____. "Ilyenkov on Aesthetics: Realism, Imagination, and the End of Art.", *Mind, Culture, and Activity*, v. 8, n. 2, pp. 187-199, 2001.
- _____. "Ilyenkov on Education.", *Studies in East European Thought*, v. 57, n. 3-4, pp. 261-275, 2005.
- CARRIÓN, Víctor Antonio. "Evald Vasilievich Iliénkov." In: ILIÉNKOVA, Evald Vasilievich. *La Lógica Económica del Socialismo*. Quito: Edithor, 2012, pp. 17-36.
- DUARTE, Newton. *Vigotski e o "Aprender a Aprender": Crítica às Apropriações Neoliberais e Pós-Modernas da Teoria Vigotskiana*. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- JONES, Peter. *Symbols, Tools, and Ideality in Ilyenkov*. 1998. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/psychology/works/jones/ideal.htm>
- _____. *Ideality, Symbols, and the Mind* (Response to David Bakhurst). 1999. Disponível em: <http://caute.ru/ilyenkov/cmt/jones.htm>
- KLIMAN, Andrew. *Reclaiming Marx's Capital: A Refutation of the Myth of Inconsistency*. Plymouth: Lexington Books, 2007.
- LEVANT, Alex. "E.V. Ilyenkov and Creative Soviet Theory: An Introduction to 'Dialectics of the Ideal'." *Historical Materialism*, v. 20, n. 2, pp. 125-148, 2012.
- MAIDANSKY, Andrey. "Metamorphoses of the Ideal." *Studies in East European Thought*, v. 57, n. 3-4, pp. 289-304, 2005.

- _____. "Ascent Toward the Ideal.", *Russian Studies in Philosophy*, v. 48, n. 4, pp. 63-75, 2010.
- _____. "The Dialectical Logic of Evald Ilyenkov and Western European Marxism." *In: OBOLEVICH, Teresa; HOMA, Tomasz; BREMER, Józef (Eds.). Russian Thought in Europe: Reception, Polemics, Development.* Kraków: Akademia Ignatianum, Wydawnictwo WAM, 2013, pp. 537-549.
- _____. "Reality of the Ideal." *In: LEVANT, Alex; OITTINEN, Vesa (Eds.). Dialectics of the Ideal: Evald Ilyenkov and Creative Soviet Marxism.* London: Brill, 2014, pp. 125-143.
- MAREYEVA, Elena. Was Il'enkov an Aesthetician? *Studies in East European Thought*, v. 57, n. 3-4, pp. 277-287, 2005.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política. Livro I: O Processo de Produção do Capital.* São Paulo: Boitempo, 2013.
- NAUMENKO, Lev. "Evald Il'enkov and World Philosophy.", *Studies in East European Thought*, v. 57, n. 3-4, pp. 233-248, 2005.
- NOVOKHAT'KO, A. "The Training of the Mind.", *Journal of Russian and East European Psychology*, v. 45, n. 4, pp. 6-8, 2007.
- OITTINEN, Vesa. "Evald Il'enkov as an Interpreter of Spinoza.", *Studies in East European Thought*, v. 57, n. 3-4, pp. 319-338, 2005.
- RUBIN, Isaak Illich. *A Teoria Marxista do Valor.* São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SIEBERT, Birger. "Prospects for a Cultural-Historical Psychology of Intelligence.", *Studies in East European Thought*, v. 57, n. 3-4, pp. 305-317, 2005.
- SURMAVA, Alexander V. "Ilyenkov and the Revolution in Psychology.", *Russian Studies in Philosophy*, v. 48, n. 4, pp. 36-62, 2010.
- SUVOROV, A.V. "Experimental philosophy (E.V. Ilyenkov and A. I. Meshcheriakov).", *Journal of Russian and East European Psychology*, v. 41, n. 6, pp. 67-91, 2003.

Recebido em 2 de novembro de 2015

Aprovado em 29 de maio de 2016